



## DE UMA FISIOLOGIA FANTASISTA AOS FUNDAMENTOS DE UMA ÉTICA: LACAN E O RETORNO AO *ENTWURF EINER PSYCHOLOGIE*

AUTOR: GABRIEL HENRIQUE SOUZA MACIEL<sup>1</sup>;

ORIENTADOR: LUIS RUBIRA<sup>2</sup>;

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga o movimento empenhado pelo psicanalista francês Jaques Lacan ao retornar à obra "*Entwurf einer Psychologie*" [1895] (daqui por diante, referenciada como *Entwurf*), produzida e, posteriormente, abandonada por Sigmund Freud, a fim de recolocar a perspectiva de análise do texto em questão e, com base neste, propor uma "ética [positiva] da psicanálise" (LACAN, 2008, p. 59). Lacan, particularmente nos seminários ministrados entre 1953 (ano em que leciona aquele que, posteriormente, será intitulado "O Seminário 1") e 1960 (quando apresenta "O Seminário 7") patrocina a entrada no período de seu ensino que ficará marcado como "retorno à Freud" e que vai desde as leituras do *Entwurf* [1895], no Seminário 1, até a proposição de seu programa ético, em 1960.

Freud nunca avançou sobre a tarefa da proposição de uma moral positiva. O Criador da Psicanálise era um cientista e neurofisiólogo. Seu texto constituiu-se, desde o início, com pretensões neurofisiológicas. Daí que uma das intitulações existentes do *Entwurf* no Brasil é "Projeto de uma psicologia para neurólogos". E a intenção do tal projeto era mesmo "demonstrar o funcionamento mental por meio de uma abordagem quantitativa e levar a psicopatologia a inspirar a psicologia geral" (Castiel e Bratkowski, p.43).

A maior característica do *Entwurf* é o fato de que ele nunca perderá o status de projeto abandonado e inconcluso. Em 1895, nas muitas correspondências que escreve à Fliess, Freud demonstra extrema empolgação por crer ter chegado à "compreensão da defesa patológica" e do funcionamento de uma série de processos psíquicos (Masson, 1986, p.48), está escrevendo sobre isso. Contudo, na carta de 16 de agosto, encontra-se sobre carregado e abandonou a escrita. Em setembro Freud vai até Berlim visitar Fliess pessoalmente. Lá, discutem sobre a hipótese de que os neurônios tenham a capacidade de dotarem-se de determinada carga de energia que, por sua vez, afetaria diretamente o funcionamento do sistema psíquico (Gay, 2012, p. 72). No retorno para casa, Freud retoma a escrita do texto, que será enviado para Fliess, já tal e qual o conhecemos hoje, na carta de 08 de outubro (Masson, 1986). Esta é, contudo, a última empreitada do Psicanalista sobre tal pesquisa. A cópia que manteve consigo foi destruída e nunca mais citou-a em seus textos ou cartas, não desenvolveu as ideias incipientes para coadunarem com seus conceitos maduros nem, evidentemente, publicou-a. Sabe-se da existência do *Entwurf* pela disponibilização da totalidade encontrada de sua correspondência com Fliess.

No texto, que se divide em três partes, Freud estabelece a hipótese de dois teoremas principais: a concepção quantitativa e a teoria dos neurônios. Através de seu trabalho preliminar na análise das neuroses, propõe-se a desenvolver uma teoria que dê conta de explicitar a questão da quantidade de energia psíquica (Q) e sua circulação nos neurônios.

A primeira parte do trabalho afirma que a “tendência primordial do sistema nervoso é descarregar a energia recebida” (Freud, 1996 [1895], p. 116) para se manter livre de estímulos. Contudo, à medida que o organismo se torna mais complexo, surgem estímulos endógenos que não podem ser evitados. Estes exigem do corpo um acúmulo de Q suficiente para que seja possível satisfazê-las, o que leva ao princípio de constância. A demanda da descarga primordial de energia nunca pode alcançar sua efetuação pois encontra-se com a demanda de manutenção de energia para satisfação dos estímulos endógenos. No segundo momento do texto temos a explicitação da teoria dos neurônios, que busca explicar como a condução da energia Q é realizada entre os neurônios e evidenciar que eles se distinguem em dois grupos. O esquema obedece à seguinte lógica: os neurônios  $\Phi$  recebem estímulos externos, advindos da relação com a imediatez do mundo e a energia advinda desses estímulos, e as libera sem modificar sua estrutura e sem rete-la. Os neurônios  $\Psi$ , por sua vez, recebem menos energia, pois não estão em contato direto com o mundo externo, não sofrem sua afetação imediata e, neste caso, retêm a energia recebida. A grande hipótese aqui oferecida por Freud sugere que a consciência é um desdobramento dos processos psíquicos que ocorrem principalmente nos neurônios  $\Psi$ , e que são, em sua maioria praticamente absoluta, inconscientes.

É preciso dar ênfase na distinção de recepção de energia. Há energias derivadas de afetações com um “mundo externo” e energias advindas de um “mundo interno”. Todo sujeito deve desenvolver as ferramentas para administrar a energia advinda destes mundos. Fato é que todo indivíduo, ao ver-se na demanda de lidar com determinados estímulos externos, pode simplesmente abdicar de haver-se com tal demanda, de evitá-la, de fugir, simplesmente. Mas, quando diante dos estímulos inerentes ao “mundo interno”, não há essa possibilidade, não há um distanciamento físico possível de ser tomado da fonte de energia, uma vez que é o próprio suporte da consciência — ou seja, o corpo — é a fonte da energia. Freud afirma que, para cessar a estimulação interna, é necessária uma intervenção que suspenda temporariamente a descarga de energia no interior do corpo, e essa intervenção requer uma alteração no mundo externo. Tem-se, então, a figura do Outro como aquele que é indispensável para a resolução deste estado natural de tensão de energias, pois ele se torna necessário na administração do mundo externo e aquele capaz de produzir em nós alguma sensação de satisfação frente às energias internas. Deste modo, como afirma Castiel e Bratkowski,

“elimina-se a urgência que causa desprazer, produz-se a catexização dos neurônios que correspondem à percepção do objeto e também chegam as informações sobre os movimentos reflexos que se seguem à ação específica, estabelecendo-se, assim, uma facilitação entre essas catexias e os neurônios nucleares de  $\Psi$ ” (p. 46).

É indispensável marcar que toda a investigação que Freud proporá no campo da Moral, como é o caso do comentário acerca do tema no *Entwurf*, terá um caráter negativo, ou seja, Freud, em nenhum momento, busca propor uma avaliação da valoração ou dos critérios de valoração morais. O intuito do Psicanalista é, desde sempre, compreender como funciona a instância moral. É no movimento de averiguar o funcionamento desta instância que temos a postulação da moral em Freud.



Interessa-nos avaliar o movimento que Lacan patrocinará desde um retorno e uma reinterpretação deste trabalho. E o ponto do Psicanalista francês pode ser expresso em uma curta citação: “É claro que o que constitui o interesse ardente que podemos ter lendo o *Entwurf* não é a pobre contribuiçãozinha a uma fisiologia fantasista que ele comporta” (Lacan, 2008, p. 50). Lacan estabelece o *Entwurf* como um texto que não deve ser compreendido apenas como o projeto fracassado de estabelecimento de uma primeira, rudimentar e infrutífera fisiologia que suportasse sua hipótese do inconsciente.

Freud intentou inserir-se nos modos das ciências fisiológicas de seu tempo. Uma vez que não dá conta de desenvolver uma fisiologia aos moldes do séc. XIX, cede do intento. O *Entwurf* abandonado, entretanto, não é, segundo Lacan, inútil ou descartável. Pelo contrário. Afirma o Psicanalista francês que

“aí se trata de uma coisa bem diferente de uma construção de hipóteses — é a primeira contenda de Freud com o próprio pathos da realidade com a qual ele lida em seus pacientes. É isso [...], ele descobre a dimensão própria, a vida significativa dessa realidade”. (LACAN, 2008, p. 51).

De tal modo, retomando o impasse entre Prazer e Realidade postulado por Freud, Lacan avança não mais apenas por apontamentos morais, juízos de valor ou analíticas comportamentais, mas para o desenvolvimento mesmo de um tal programa Ético. Segundo Freud, o Princípio do Prazer é fundado na Falta constitutiva do sujeito e obedece à uma busca irrefreável pela satisfação de si mesmo. “O que é inconsciente funciona do lado do Princípio do Prazer” (idem, p. 62). O Princípio da Realidade, por sua vez, é fundado na lei – na lei originária, na lei que, via castração, constitui o sujeito – e obedece, no fundo, às demandas civilizatórias. “O Princípio da Realidade domina o que, consciente ou pré-consciente, articula-se na ordem do discurso refletido, articulável, acessível” (idem, p. 63). Aqui a noção de Realidade diz respeito, para Lacan, àquilo que é simbolicamente apreendido e/ou apreensível, que obedece aos pressupostos discursivos daquilo que o sujeito constitui como realidade. Realidade é equivalente a realidade discursiva. Não só “o inconsciente é estruturado como linguagem”, mas a realidade também.

Assim, em uma leitura que privilegiará, muito particularmente, o *Entwurf*, o capítulo VII da *Traumdeutung* (“Interpretação dos Sonhos”) [1900] e “Mal-Estar na Civilização” [1930], Lacan encontra “na metapsicologia freudiana [...] o rastro de uma elaboração que reflete um pensamento ético” (idem, p. 53). Esse pensamento ético, contudo, não se formula em uma teoria ou programa ético, e esse é o movimento que será empenhado por Lacan. Buscaremos, neste trabalho, evidenciar o processo de reinterpretação do texto freudiano por Lacan a fim de demonstrar como a singularidade ética e epistemológica de tal movimento.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho se desenvolve em filiação à tradição que estabeleceu-se, desde a obra do Professor Luiz Roberto Monzani (1991/2008), como Filosofia da Psicanálise. Tal autor estabelece o rigor metodológico de tal campo. Segundo Monzani, em *O Que É Filosofia da Psicanálise?* (2008), há três modos que caracterizam o fazer da Filosofia da Psicanálise. São eles: 1) um trabalho de



genealogia conceitual; 2) um trabalho estrutural e 3) um trabalho epistemológico (Cf. MONZANI, 2008, pp. 14-16). O presente trabalho realiza-se com base nesses critérios.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Trabalho aborda questões acerca da Fundamentação e Crítica da Moral e da Política, devido às reflexões acerca da motivação e da fundamentação das ações éticas dos sujeitos e do caráter universalizável com o qual toda teoria ética deve se haver, seja para com os seus pares, seja para consigo mesmo, seja para com o Estado. Mobiliza noções e conceitos do campo da psicanálise, articula-se como trabalho filosófico sobre formas outras de análise e de compreensão do comportamento ético e seus ideais, além de abordar perspectivas do tratamento clínico do sofrimento psíquico e das potencialidades políticas da Psicanálise Lacaniana.

### 4. CONCLUSÕES

A pertinência de tal trabalho verifica-se na atual sociedade (I) por meio dos frequentes estudos acerca da relação entre sofrimento psíquico (problema clínico), suas diversas formas de tratamento (problema ético) e suas muitas configurações sociais (problema político), o que tem estreitado novamente e cada vez mais as interlocuções entre as esferas clínicas e as esferas críticas do debate, e (II) na disparidade de compreensão dos modelos filosóficos atuais acerca dos fatores fundamentais que devem guiar o agir humano, fazendo-se sempre necessário a revisão da Fortuna Crítica produzida acerca do tema e, quando da instauração de um novo paradigma, a sua possível reformulação. É sobre tal possível reformulação que o trabalho se constitui.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTIEL, S. V.; BRATKOWSKI, P. S. **Tecendo vias para o entendimento do projeto para uma psicologia científica**. Diaphora, v. 9, n. 3, p. 43-48, 2020.
- Freud, S. (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. In: S. Freud, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 1, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (1996).
- \_\_\_\_\_. (1895). **Entwurf einer Psychologie** (In: Komplette Arbeit von Freud). Manuskript; veröffentlicht am Berlin: 1950.
- MONZANI, L. R. **O que é filosofia da psicanálise?** Philósophos, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11- 19, 2008.
- LACAN, J. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959 – 1960)**. Tradução A. Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.